

A memória da favela na escola

Camila Silva da Cruz



A favela está presente no cotidiano carioca. Ela está próxima geograficamente do “asfalto”, também nas relações socioculturais, como o carnaval, o funk, na economia, na mídia, na história e por vezes seus moradores, suas memórias e suas relações são apresentadas como meros coadjuvantes. A favela carregou o fardo de ser segregada da sociedade pela configuração de suas moradias, pela pobreza, tráfico, pela ausência do Estado na prestação de serviços. Hoje ela tem um novo formato e sua separação da cidade “formal” é ditada por uma série de “comportamentos construídos na favela”, tido como “lugar onde existe o que não deveria existir na cidade”. A imagem criada da favela não denota a luta, a resistência inerente a sua origem. Assim, se legitima a não-cidadania de sua população.

Quando a favela está nos planos governamentais ou eleitorais, ou sua cultura, suas entidades religiosas e tradição entram no campo da cidade seu tratamento toma outra proporção, seus traços negativos são abrandados chamando-a de comunidade. Mas o problema dessa afirmação é o esquecimento dos motivos que segregam a favela e a criminalizam.

Para o historiador Henry Rousso (2006), a memória é a representação seletiva do passado de um grupo, resistindo as rupturas feitas pelo tempo. Na favela é comum existir ausência da memória, um passado esquecido, onde se deseja desligar dos estigmas impostos por

um grupo da sociedade que se alimenta dessas hierarquias e mantém seu poder. Se referindo ao âmbito marginalizado da favela, a apropriação da memória é capaz de contestar, desafiar as manipulações de poder e na situação atual de violência e criminalização com a favela é necessário buscar seu passado para refazer o presente. A escola como local democrático, de formação, pode alçar desse artifício.

A favela desde sua origem não era o foco da preocupação dos governantes, mas sim, a estética da cidade que estava em risco, então projetos higienistas e arquitetônicos foram usados para intervir em seus problemas, ato que perdura na sua história. Portanto, não é de interesse do Estado que essa memória esteja viva.

O historiador Mario Brum (2017) trabalhou a memória local da Cidade Alta na escola, quando professor na rede pública, atuando no Ensino Fundamental e Ensino Médio, com várias faixas etárias e diferentes óticas na participação na história local. Ele usou de debates em sala de aula e tornou os alunos em pesquisadores de sua própria história entrevistando seus familiares e vizinhos, em busca de informações do surgimento, construção e seus motivos de estarem ali. Ele observou ausência e silêncio da memória e que é recorrente destacar os aspectos negativos da favela.

Já o historiador Mauro Amoroso (2015) se debruçou sobre o morro do Borel e usou como métodos entrevistas a atuantes de movimentos políticos e a relatos da imprensa, livros e vídeos já publicados sobre a história local, além de se inteirar as propostas das políticas públicas para o local, cruzando essas informações, buscando analisar a construção da memória e seus usos políticos. Essa forma de análise da memória e construção da história local pode se estender a escola de maneira simplificada para atender suas particularidades e servir a comunidade.

O lugar da minha pesquisa, a Vila Getúlio Cabral, uma comunidade pequena e distante do centro do seu município, Duque de Caxias, sem amparo do Estado como se dá em outras comunidades e apesar de suas dificuldades, como dito pela moradora Vera dos Santos em entrevista

(2018), gosta do local e que se sente grata pela sua moradia. Sua fala é compartilhada no sentimento geral da comunidade. Além de documentos e preço, a sua casa e o seu bairro tomam outra proporção de valor. Valores que podem ser realçados na escola.

A escola localizada dentro de uma favela encontra diversas dificuldades devido à violência, que interfere no processo de ensino-aprendizagem. A memória da favela expõe ao aluno a integração da sua realidade com um âmbito maior, econômico, político, geográfico. A escola como lugar de pensar a memória local pode somar forças para que a favela não apenas acesse os direitos da cidade, mas que faça parte de sua construção, formulando novas políticas públicas.

Sobre a autora

Camila Silva da Cruz é graduada em História e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, Comunicação e Cultura em Periferias Urbanas na FEBF/UERJ.

Referências

- AMOROSO, MAURO. Caminhos do lembrar: a construção e os usos políticos da memória no morro do Borel. 1. ed. RIO DE JANEIRO: Ponteio, 2015. 286p.
- BIRMAN, Patricia. Favela é comunidade? In: Machado da Silva, L.A. (org.) *Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, FAPERJ/Nova Fronteira, 2008, pp. 99-114.
- BRUM, Mario Sergio. Memórias, identidades e silêncios: a História Local em sala de aula, trabalhada com diferentes gerações. *Revista História Hoje*, v. 4, p. 313-333, 2015.
- BRUM, Mario Sergio. Favelado é 'o outro': aportes sobre estigmas e identidades em sala de aula. *EDUCAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEA*, v. 14, p. 83-101, 2017.
- ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: Janaina P. Amado Baptista De Figueiredo, Marieta De Moraes Ferreira(org.) *Usos e costumes da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. pp 93-101.
- THOMSON, Alistair. FRISCH, Michael. HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e ,história: alguns aspectos internacionais. In: Janaina P. Amado Baptista De Figueiredo, Marieta De Moraes Ferreira (org.)*Usos e costumes da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. pp. 63-91.

VALLADARES, Licia do Prado. A Gênese da Favela Carioca. A produção anterior às Ciências Sociais. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 15, n.44, p. 5-34, 2000.